

MUNICÍPIO
BIBLIOTECA

MARÉ VIVA

Director Interino: JOSÉ RAFAEL TORMENTA

SEMANARIO

ANO X N.º 443 — PREÇO 17\$50 — 4/7/85

ROLANDO SOUSA é o candidato do PS à Câmara

— ÚLTIMA PÁGINA



C.P. apresentou o seu 4.º estudo para a Estação de Espinho

— PÁGINA 4

VOLEIBOL DO SP. ESPINHO

— «Corre o risco
de ser a grande
potência dos
próximos anos»

Apesar de todo o esquecimento a que foi votada pela actual direcção do clube, a secção de voleibol dos tigres, fez este ano a mais brilhante época da sua já longa e rica carreira.

Em masculinos seniores foi campeão nacional e vencedor da Taça de Portugal, em juniores e juvenis vice-campeão nacional, em iniciados sagrou-se também campeão nacional e em feminino começou a formar a equipa que dentro de pouco tempo vai estar, concerteza, no topo do voleibol português.

Para nos fazer um balanço desta época de ouro e nos falar do futuro do voleibol dos tigres, nada melhor que uma conversa com o seu dedicado director Orlando Macedo.

— PÁGINA 5



HÓQUEI

EM

CAMPO

A. A. E. - 3.º LUGAR NA II DIVISÃO

— PÁGINA 7

TUBO DE ENSAIO COMEÇOU «A ENCHER» !

TROVANTE EM ESPINHO — UM BOM ESPECTÁCULO

— LEIA NA PÁGINA 3 e ÚLTIMA PÁGINA



Desde o solstício que os dias começaram a encurtar. E, sem que nos apercebamos do facto, isto quer dizer que, embora em pleno verão não será tolice pensar desde já no que virá de seguida, até porque «primeiro de Agosto de Inverno». Para já a diferença da duração do dia ainda não é muito notória mas, mais semanas menos semanas, aí começaremos a estranhar que o sol se ponha muito mais cedo do que já nos habituamos e que, para assistirmos ao espectáculo do ocaso, tenhamos que fazê-lo antes e

RASCUNHOS

não depois do jantar.

Tenho uma estima muito particular pelos dias grandes, mais quando crescem que quando minguam. Situa-se essa estima especialmente no passado, num passado de infância descuidada, sem preocupações, sem manhas, aberta e autêntica. Volto meio século atrás (ena, tanto tempo!!!) e vejo-me de calções, sapatos cambados, joelhos normalmente esmurrados, na companhia dos membros da nossa quadrilha. Quadrilha mesmo de quatro, que eram os dois manos da frente, o vizinho do lado e eu.

Minuto que pudessemos escapar às obrigações das contas, do ditado ou a cópia, ou à imposição de estarmos portas de casa a dentro, escapuliamos para a rua para a tudo quanto de brincadeira nos viesse à cabeça. Claro que a preferência ia toda para renhídisimas partidas de futebol, com dois de cada lado, bola de restos de peúgas (que as de borracha custava dinheiro e as de couro nem pensar), a virar aos dez e acabar aos 20 se para tanto tivéssemos tempo. Outras vezes eram corridas ao quarteirão (quando o Carlos Lopes ainda nem sequer tinha nascido, ou viagens em carros de madeira de caixas de sabão propulsionados pela força da gravidade na descida ou com o empurrão de um par-

ceiro nas outras condições. E, como eu nunca fui capaz de dar um chute num carro de mão nem de produzir quaisquer proezas atléticas assinaláveis, era sempre o último a chegar nas corridas, o que menos gozos marcava ou mais consentia mas numa coisa era o primeiro: no suor. Parecia uma bica ao mais pequeno esforço.

Nessas tardes grandes do ano se desenvolviam tais actividades. Para variar, uma vez, a quadrilha decidiu bater às portas e esconder-se a gozar a frustração de quem vinha abri-la e não topar ninguém. O mais rápido dava ao batente, enquanto os outros três ficavam já no esconderijo, depois ia-se-lhes juntar com quantas asas tinha nos pés. Assim andamos alguns dias seguidos. Mas, na nossa ingenuidade de meninos que eramos, repetimos demasiadamente uma das portas, até que fomos apanhados com a boca na botija. Minutos passados, o meu vizinho do lado já estava a apanhar pela medida grande, os manos da frente já corriam aos chamamentos da mãe que ajustaria contas e eu, de cabeça bem baixa, ia a caminho de uma das poucas mas grandes sovas que levei na minha vida. E assim se acabou o bater às portas, tendo a quadrilha que mudar de diversões.

Carlos P. Morais

APONTAMENTOS - 4

Reflexões brevíssimas sobre a esquerda

1. A DIFERENÇA

A oposição esquerda-direita existe, é uma realidade apesar da prática de certos partidos de esquerda enquanto poder ou talvez por isso mesmo. Misturar a esquerda com a direita é tentar esvaziar de conteúdo a essência da esquerda enquanto projecto de transformação social que é e salvar a face da direita (dita nova ou renovada, mas, afinal, apenas *disfarçada*). Se a conciliação é impossível, a resolução do perpétuo conflito não está na diluição da esquerda na direita ou na descaracterização da esquerda enquanto tal. Na sua essência teórica, programática e de prática a esquerda é deve ser portadora de uma atitude política, ética, moral, social, económica e, sobretudo, cultural diferente, antagónica mesmo, da direita. Por isso, quando a fronteira esquerda-direita se esbate, é resultado do abandono, por parte da esquerda, das suas posições originárias, históricas, ainda que (como nós, portugueses, bem sabemos) sob a aparência do «combate à crise» ou de atitudes «pragmáticas»...

serem implantadas medidas que conduziram à melhoria do nível de vida dos cidadãos, que realizaram os direitos à saúde e à habitação. Vimos serem alcançadas vitórias reais sobre o analfabetismo. Mas não vimos, como se desejávassem, serem assegurados os mecanismos da democracia política nem respeitadas, por exemplo, a liberdade de opinião. Paradoxalmente, ensinaram-se milhões a ler, mas retiraram-se das livrarias e bibliotecas milhares e milhares de livros. De certos livros... Ensinaram-se milhões a escrever, mas certos escritores não podem escrever livremente.

Noutros países, quando a esquerda é poder e não limita a(s) liberdade(s), não têm sido atingidos plenamente os objectivos de justiça social que antes se proclamavam. O desemprego mantém-se; o analfabetismo também. As reformas de fundo são adiadas. A prática dos políticos reduzida muitas vezes numa estéril alternância esquerda-direita (tudo muda para ficar na mesma...). Numa palavra, a transformação social não se realiza.

4. UMA UTOPIA

Chegados a este ponto e para finalizar, apenas quatro questões das muitas a que nós que andamos em busca da esquerda, mais tarde ou mais cedo, teremos de responder: será possível pensar para Portugal num projecto mobilizador de amplas vontades e esforços que conduza à realização de uma sociedade *nova* em que seja realmente possível conciliar a aplicação das medidas indispensáveis para a superação da crise e para a construção das bases (políticas, económicas, culturais e morais) de uma ampla justiça social com o respeito e a defesa do regime democrático, da pluralidade de opiniões e da(s) liberdade(s)? Será possível promover, da base ao topo da sociedade portuguesa, uma *nova prática política* onde os princípios éticos e uma elevada moral cívica sejam o ponto de partida para uma nova forma de luta e, sobretudo, de exercício do poder? Finalmente, será tudo isto uma utopia? E mesmo que o projecto paraça, à partida, utópico e que os seus defensores sejam talvez ingénusos, haverá por aí mais alguém para o realizar?

NUNES CARNEIRO

2. A ESSÊNCIA

A esquerda, ou melhor, as esquerdas têm princípios comuns: por um lado, a luta por uma nova sociedade baseada numa ampla justiça social e, por outro lado, a defesa intransigente da(s) liberdade(s) e da democracia política. No fundamental, é em torno deste duplo combate que — na sua diversidade de intervenção — se posicionam e actuam (ou deveriam actuar) a(s) esquerda(s).

3. O DILEMA

Se é aqui que reside a ideia força e a essência da(s) esquerda(s), é também aqui que encontramos o seu dilema histórico, que persiste sempre que a esquerda chega ao poder: como conciliar a execução de uma Política global que conduza a uma sociedade nova mantendo viva(s) a(s) liberdade(s)? Como conseguir aprofundar a democracia nas suas vertentes económica, social, política, cultural e moral sem, no plano da(s) liberdade(s), cometer as limitações próprias dos sistemas totalitários?

Nos países socialistas vimos

do assim — digam-me lá — não era mais justo que só os primeiros fossem recrutados? E que se divertissem a trabalhar para a morte, em vez de fazerem pela vida?

Mas, para já, que tal o regresso imediato dos sofados... a casa?

P.S. — Bem sei que, en-

quanto subsistir essa aberração histórica que são os Estados nacionais, nenhum deles prescindirá da tropa, nem deixará de lhe reservar os melhores carinhos orçamentais. Mas — bolas — pode-se ir rismungando, não?

* Jornalista do «Expresso»

Que é que vocês acham?

JOSÉ QUEIRÓS *



Vocês acham que os castelhanos ou os marroquinos, ou mesmo os japoneses, vão entrar por aí dentro, ao som de trompas de guerra?

Eu também não.

E acham que Portugal irá defender-se, à bazucada, de algum míssil intercontinental de não sei quantas cabeças atómicas, se der a paranóia aos superpotentes?

Eu também não.

Mas então — digam-me vocês — para que serve essa corpulenta instituição que dá pelo nome vulgar de tropa, tirando uma ou outra excepção útil, como a desses garbosos marinheiros que nos defendem o peixe que — houvesse ele barcos! — haveríamos de pescar?

Sim, para que servem essas forças armadas com maizuculas, senão para garantir privilégios da consumo a um numeroso sector social parasitário e disfarçar o desemprego juvenil, enquanto vão dando cabo da vida à gente nova, com as agravações de a tentarem habituar

à obediência acrítica, lhe confiscarem os direitos humanos nas casernas, e a procurarem educar num duvidoso culto dos valores viris? Isto, é claro, quando a não diminuem ou matam nos «acidentes» dos «exercícios»?

Pois se nem à tal defesa do território pátrio se abalançam, como eloquentemente mostrou o triste episódio da destruição da administração portuguesa em Timor... E, nestes tempos de austeridade, não seria bem pensado libertar as finanças públicas (talvez até diminuíssem os impostos) do pesado fardo orçamental que são todas essas fardas, seus astômagos e senhoras, seus tanques, aviões e outros brinquedos da panóplia bélica?

Suponho que muitos, por uma razão ou outra, ou até sem nenhuma boa razão, não pensem assim. Mas também não duvido de que uma boa parte dos meus conicidados, especialmente os mais jovens, passava bem sem a tropa. E sen-

MARÉ VIVA SEMANÁRIO

Director Interino:

José Rafael Tormenta

Chefe de Redacção:

Jorge Lopo

Redactores:

Abílio Adriano
Carlos Cruz
Filomeno Olivalra
Jorge Rosa

Colabor. da Redacção:

Cid Oliveira
David Pontes
Nunes Carneiro

Colaborador Especial:

Carlos P. Morais

Colaboradores Locais:

Alice Rocha
António J. Lacerda
Berta Nunes
Fausto Neves
Joaquim Fidalgo
Jorge Carvalho
Jorge Iglésias
Luís Costa
Mário Correia
Mário Rui Neves
Orlanda Cruz
Victor Sousa

Outros Colaboradores:

Agostinho Chaves
Alvaro Costa
Carlos Magno
José Queirós
Luís Bessa
Manuel Pinto
Manuel Tavares
Viale Moutinho

Reportagem Fotográfica:

Olívия Silva
Clara Pinheiro

Paginação:

Augusto Mota
António Gaio
Henrique Ferreira

Propriedade da Nascente
Coop. de Acção Cultural
Rua 62,251 - Telef. 721621

Composição e Impressão:

Tipografia Meneses
Coop. Gráfica Espinho, C.R.L.
Rua 14, 903 - Telef. 721018

Redacção:

Rua 62, 251 - 4500 Espinho
ou Apart. 43 - 4500 Espinho
Telef. 721621

Assinatura semestral:
350\$00

Assinatura anual:
700\$00

Depósito Legal: 2048/83

Tiragem deste número:
2.000 exemplares

A. Moreira da Costa

CLINICA GERAL

Rua 19, 364 — Tel. 721218
2.ª e 6.ª feira

Rua 16, 789 — Tel. 722695
3.ª feira

PARA COMPRAR BOM CAFÉ

Casa ALVES RIBEIRO

Torrefactor de Café

ESTABELECIMENTO DE VENDA AO PUBLICO
RUA 19 N.º 294
ESPINHO

CLINICA GERAL

J. Pinheiro de Moraes

RUA 20 N.º 300

TELEF. 720452

HÓQUEI EM CAMPO

Na hora do balanço, aposta na subida

Ainda sem as condições ideais para que a modalidade possa evoluir como seria desejável, a secção de Hóquei em Campo da Associação Académica de Espinho teve, este ano, um comportamento positivo no Nacional da II Divisão — Zona Norte: foi o 3.º da tabela classificativa, depois do Sport e Lousada.

Os responsáveis pelo Hóquei em Campo local, pensam, no entanto, poder vir ainda a ocupar o 2.º lugar se o Conselho Jurisdiccional deferir um protesto que fizeram do jogo em que defrontaram o Perosinho. A razão para este protesto, segundo um dirigente da AAE, reside no facto «de um jogador desta equipa que já tinha visto um cartão verde (advertência) e um amarelo (expulsão temporária), o árbitro lhe ter mostrado, na 2.ª parte, novamente o verde. Nós pensamos que nestas circunstâncias só poderia ter mostrado o vermelho». No caso do jogo vir a ser repetido e a Académica obter a vitória, ascende ao 2.º lugar.

MUITAS OPORTUNIDADES PARA OS GOLOS MARCADOS

A AAE começou por ter um comportamento habitual nos regionais, no início da época, vindo depois a melhorar quando já se disputava o Nacional da modalidade. «Nesta fase, diz-nos este responsável pela secção, a nossa participação teve alguns aspectos positivos, nomeadamente nos confrontos com as equipas mais fortes, onde, à excepção de um jogo, conquistamos sempre pontos. Uma coisa onde melhoramos bastante foi no aspecto organizativo e de preparação dos nossos atletas. No campo disciplinar a época também não foi má».

E continuou: «Também melhoramos muito na produção atacante já que marcamos mais

golos do que o habitual, mas, por paradoxal que pareça, onde pecamos foi precisamente na falta de concretização. Criamos demasiadas oportunidades para os golos marcados».

A época está agora a chegar ao fim e antes dos atletas desta secção partirem para o descanso, a Académica vai ainda participar em alguns torneios. Já no próximo fim de semana partem para Vigo onde, nos dias 29 e 30, participam num torneio internacional com mais uma equipa portuguesa e duas espanholas. Para além disso, estão também revistos dois torneios a funcionar em paralelo, organizados pelo clube local. Um de homenagem a Oscar Carvalho, praticante que abandonou há pouco tempo, para jogadores com menos de 35 anos e que deverá ter continuidade todos os anos. O outro será para praticantes com mais de 35 anos «Torneio Saudade» a lembrar atletas recentemente falecidos; casos de Jerónimo Reis, Alberto Alves e Joaquim Fonseca (Raimundo). As equipas serão o Perosinho, Sport, Lamas e o clube organizador, sendo a 1.ª jornada em Lamas e no Porto e as finais no Campo da Avenida, em Espinho. As datas são 6, 7 e 13 de Julho.

CAMPO PRÓPRIO — UMA PROMESSA QUE TARDA

Um dos principais entraves à evolução do Hóquei em Campo em Espinho tem sido a não existência de um campo próprio para a prática desta modalidade, obrigando a AAE a disputar

os seus jogos em casa, no campo do Grijó. No entanto, existe uma promessa para a construção de um campo, junto ao pavilhão do clube, que até seria relvado.

«O processo do pedido de expropriação dos terrenos para utilidade pública, diz-nos ainda este dirigente, foi enviado em Abril de 1984 para o Ministério da Qualidade de Vida. Em Julho foi-nos pedido um parecer da Câmara de Espinho sobre a utilidade do campo para a AAE. Em Dezembro foram solicitados outros elementos e novamente em Janeiro foram-nos pedidos os mesmos dados já enviados um mês antes. Este aspecto foi sanado, telefonicamente, porque devem ter dado com o processo em qualquer gaveta».

A partir daí a única novidade recebida pela Académica foi quando da visita a Espinho do Secretário de Estado dos Desportos, Miranda Calha, no dia da inauguração dos courts de ténis, que prometeu voltar a 19 de Março, altura em que já teria sido declarada a utilidade pública dos terrenos. «Essa visita nunca viria a ser concretizada sendo-nos feita a promessa na altura da visita dos deputados do PS no Parlamento, ficando combinada a vinda de Miranda Calha ao Sarau de Ginástica da Académica, altura em que o processo já estaria resolvido. Nada disso se passou e continuamos a aguardar que a promessa se cumpra», mesmo depois da visita de Miranda Calha, no último fim-de-semana, e que para espanto dos dirigentes da AAE solicitou nova documentação sobre o assunto, que lhe foi entregue prontamente.

Como se costuma dizer, a esperança é sempre a última coisa a morrer, e mau grado toda esta falta de condições a secção de Hóquei em Campo aposta na subida de Divisão na próxima época. «Vamos começar a trabalhar em Setembro tendo isso em vista».

ORLANDO MACEDO

bancada para 100 pessoas, e é essa solução que temos de achar para resolver o nosso problema. Parece-me que o Sp. de Espinho tem espaço para fazer essas instalações, mas falta a vontade para as fazer. Se se arranjar essa vontade não é difícil arranjar com a obra.

«VAMOS À TAÇA DOS CAMPEÕES SE O CLUBE O ENTENDER»

MV — O Sp. de Espinho vai estar presentes nas competições europeias da próxima época?

OM — É evidente que o Espinho tem por direito próprio estar na Taça dos Clubes Campeões Europeus, mas tal só acontecerá se o clube assim o entender. Penso realmente não haver ninguém de bom senso que se oponha à ida do voleibol às competições europeias, mas para isso é preciso que o clube dê o seu apoio.

MV — Esse apoio foi dado durante a época agora finda?

OM — Mais importante que falar dos apoios que a direcção deu ou não, é conseguir-se formar uma direcção que nos permita encarar o futuro com optimismo, porque enquanto estivermos neste impasse não podemos pensar no dia de amanhã. Ao responder assim não estou a fugir à pergunta que me fez, simplesmente as críticas que haviam a ser feitas já o foram na devida altura. De qualquer maneira, assumo essas críticas frontalmente, sempre para bem do clube e não no sentido de trajecto individual que todos os cidadãos costumam ter, sendo críticas sinceras e frontais que poderiam melhorar a gestão do clube.

MV — Em jeito de crítica chegou a dizer que este ano existiu o F. C. Espinho em vez de o S. C. Espinho. Hoje volta a fazer a mesma afirmação?

OM — Evidentemente que sim, e se não o fizesse estava a sonegar a verdade. Penso que falo a linguagem da verdade e a linguagem da verdade é isso mesmo. Quando as críticas têm

continuação da página 6

lugar e cabimento, as pessoas devem estar preparadas para as aceitar.

MV — A Câmara vai atribuir uma verba de cem contos ao voleibol do S. C. Espinho. Que significado tem para vocês?

OM — A verba atribuída por proposta do vereador Casal Ribeiro e aprovada pelo plenário, é no mínimo um incentivo para o trabalho que se fez ao longo da época e que tão bons resultados deu. A Câmara como órgão autárquico tem colaborado sempre conosco, mas já agora permita-me fazer um alerta; por falta de instalações, as equipas do voleibol do clube são obrigadas a treinar noutros pavilhões da cidade, o que além do transtorno que isso nos causa, ainda gastamos à volta de cento e cinquenta contos por ano. Não seria possível a Câmara nos ceder por exemplo o pavilhão do Ciclo Preparatório? Isso seria realmente uma grande ajuda.

MV — A Câmara vai decidir também agradecer Tomás com a Medalha da Cidade. Para quando a homenagem prestada pela secção do voleibol?

OM — A melhor homenagem que o Tomás poderia ter foi ser campeão nacional e vencedor de mais uma Taça de Portugal. Foi de facto a melhor homenagem que a secção lhe poderia dar e estou ciente que também ele pensa assim. É evidente que não faltarão o tempo e o «timing» exacto para se fazer uma justa homenagem.

Agradeço a oportunidade que o vosso jornal me deu para tecer estas considerações, pensando no entanto, que os jornais da cidade podem com a sua presença e a sua informação fomentar mais o desporto na nossa terra. Foi com agrado que reparei na presença do repórter do Maré Viva nas várias fases dos campeonatos nacionais e isso ajuda a motivar as pessoas ligadas ao desporto, que vêm o interesse com que a informação local acompanha os vários acontecimentos desportivos realizados na nossa cidade.

ATLETISMO

Rachão e Natário em Salamanca

Augusto Rachão e António Natário participaram este fim-de-semana numa prova internacional, na distância de 1500 metros, realizada na cidade espanhola de Salamanca.

Trata-se do Grande Prémio

Internacional de Salamanca — Disputação — onde os atletas espinhenses se classificaram em 3.º e 4.º lugar, respectivamente com os tempos de 4.3.05 e 4.3.07.

Homenagem a Américo Freitas

Vai um grupo de associados do CAE, homenagear Américo Freitas actual Presidente da Direcção do clube, pelos relevantes serviços prestados ao longo dos anos, com sacrifício da sua vida privada, não só ao serviço do CAE bem como ao do des-

porto amador em geral.

Por tal motivo a comissão organizadora apela a todos os associados bem como aos desportistas e entidades da nossa cidade, para se associarem a tão justa homenagem.

A Comissão Organizadora

CARVALHO DEIXA O S. C. E.

O valoroso médio Carvalho, que nas últimas épocas vinha envergando a camisola dos tigris, está deabalada até à Madeira.

De facto, os contactos entre o jogador e os dirigentes do União da Madeira estão bem encaminhados parecendo quase

certo o ingresso do jogador na-quele clube madeirense na próxima época.

Segundo informação de fonte próxima do jogador, neste momento faltam limar algumas arestas, sendo possível a assinatura do contrato de um momento para o outro.

AGÊNCIA DE CONTRIBUINTES
CONTABILIDADE E CONTENCIOSO
MEDIADOR DE SEGUROS

Antenor Pereira

Rua da Fonte - Silvalde — Telef. 723489
ESPINHO

NOVAS INSTALAÇÕES:

Rua do Quartel (ao lado da porta de armas)
SILVALDE Telef. 723489 e 722034

FAMOPOL

ANTÓNIO DA SILVA MIGUEL

Fábrica de peças em Poliéster, Caixas para Atrilados
Revestimentos em Carrinhas, etc.

Esmoções - Anta — 720559 - 723169 — 4500 ESPINHO

CAFÉ e RESTAURANTE
COPÉLIA

Almoços e Jantares
Serviço à lista

Especializado em
Casamentos e Baptizados
Grande Variedade de
Petiscos

R. 23 n.º 808 - Tel. 723152
ESPINHO

TUBO DE ENSAIO

começou a "encher"

O Clube Juvenil Tubo de Ensaio abriu as suas portas na passada sexta-feira, tendo estado presentes nas suas instalações cerca de uma centena de jovens. Por outro lado — e conforme noticiamos neste mesmo número — sábado à noite, o espectáculo do grupo «Trovante», foi o lançamento «público» do clube.

Maré Viva estava presente nas instalações do clube, onde tudo cheira a novo e a pintado de fresco e registou alguns testemunhos de jovens aí presentes:

«O «Tubo de Ensaio» é uma ocupação de tempos livres. Pretende ter algumas actividades, como por exemplo já na próxima semana uma sessão de cinema ao ar livre; estamos também a pensar organizar um passeio com carácter cultural, a um museu, ou a um castelo, qualquer coisa que tenha interesse; isso será aberto a quem quiser participar. Estamos abertos a ideias que venham de fora». (Paulo Valente, 17 anos)

«É um espaço que não havia em Espinho, completamente diferente; não é só um bar é mais qualquer coisa. Não só se pode beber um copo mas também assistir ou participar em espectáculos. É um espaço aberto a todos. Claro que há muitas carências, evidentemente: uma arca congeladora, cadeiras para a esplanada, coisas que são importantes para atrair as pes-

soas. Mas já fizemos o mais importante que foi conseguir abrir isto; já se fala no Tubo de Ensaio. O espectáculo do Trovante foi também um bom investimento, organizado por pessoas que nunca estiveram metidas numa coisa destas; prepos baratas, uma das melhores noites que Espinho teve até aqui; conseguimos assim divulgar a boa música que se faz em Portugal, feita por jovens e de qualidade». (Mária João, 23 anos)

«(...) Principalmente temos muitas ideias, claro que dependo do desenvolvimento que isto venha a ter». (Aurélio, 17 anos)

«Penso que falta auxílio oficial. Tivemos apoio da Câmara, da Nascente, e um pouco do Faoj». (Jaime Pedro, 17 anos)

«Éramos cerca de uma dúzia a trabalhar; na sexta-feira estiveram cá cerca de 100; apareceram mesmo pessoas com mais idade; no espectáculo de sábado, foi engraçado: havia gente que não gostava dos Trovante, só foi porque os bilhetes eram baratos e afinal gostaram». (Paula Cristina, 22 anos)

Tubo de Ensaio, um clube em que os jovens prometem. E para já, também fazem. Por exemplo, já na próxima sexta-feira, dia 5, às 17 horas, uma «Acção sobre férias para jovens», com um monitor do Faoj. Apareçam.

Encontro de Autarcas Socialistas: — excepção só na forma ?

Realizou-se no passado sábado, dia 29, no Salão Nobre da Piscina Solário Atlântico, o terceiro Encontro de Autarcas Socialistas do Concelho de Espinho, no qual estiveram presentes, para além dos próprios, deputados pelo círculo de Aveiro do PS, membros do respectivo secretariado concelhio e o antigo ministro do Equipamento Social, Rosado Correia, actualmente da Comissão Eleitoral Nacional.

Tal foi a unanimidade patenteada pelos intervenientes que, nas palavras de Rosa Albernaz, «até se bateram palmas e se aprovaram moções por aclamação, o que não é hábito deste Partido». Perguntamo-nos, apenas — pela crítica velada que a afirmação constitui os hábitos de outros —, se a causa se a consequência.

A rematar o Encontro, em conferência de imprensa participada, além de Rosa Albernaz, por Artur Bártolo, José Mota, Rolando Sousa e Ferraz de Abreu, foi-nos referido que, no tocante à situação política nacional, se registou um debate «exaustivo», tendo sido analisadas a situação decorrente da ruptura do «bloco central» e a estratégia a adoptar pelo Partido Socialista. Neste âmbito, foi aprovada uma moção de apoio às posições que o secretário geral, Mário Soares, vem assumindo e à sua candidatura à Presidência da República.

Todavia, a meio ano que nos encontramos das correspondentes eleições, o prato forte do Encontro foi exactamente a gestão autárquica, tanto em termos retrospectivos, de balanço, como em matéria da política a adoptar neste domínio, incluindo o perfil e o nome do candidato a apolar.

«Primeiramente», diria Rosa Albernaz, «perante as críticas constantes, que partem de quem não tem razão e contra as quais protestamos, decidimos promover a realização de um jantar de homenagem a Artur Bártolo e à actividade por ele desenvolvida ao longo de dez anos ao serviço da autarquia, jantar de um tipo que também não está nos hábitos do Partido e para o qual convidaremos não só todos os militantes como todos os democratas». José

Mota corrigiria para «toda a população...». Aliás, não fosse a recusa de Bártolo, alegando a sua idade, em se recandidatar, ele seria o homem a apolar novamente pelo PS. Assim, traçado que foi como desejável um perfil de «seriedade, honestidade, competência», a escolha recaiu, por unanimidade, em Rolando Sousa, faltando agora apenas a ratificação por parte das estruturas nacionais.

Para Rolando de Sousa, contudo, a aceitação estará condicionada à formação de uma equipa camarária capaz e em que se reconheça e, talvez, à indignação de Artur Bártolo para a presidência da Assembleia. «Não acredito em homens providenciais», diria Rolando Sousa, «mas no trabalho de equipa. Só assim se poderá ambicionar privilegiada a população mais desfavorecida». Por problemas, entende o mesmo «o saneamento básico, o abastecimento de água e a habitação, cuja resolução o PS defende e propôs aos demais partidos. O abastecimento de água, por exemplo, é insuficiente: só 30 por cento do concelho está abastecido». Ainda relativamente a esta questão, Artur Bártolo referiria que «estando cativos 40 mil contos para a sua resolução, só falta agora que a Assembleia Municipal de Vila Nova de Gaia se pronuncie. Como sabe, a conduta existente, a da Rasa, tem um diâmetro pequeno demais para as necessidades e só a de Lever, a construir, e que entrará por Esmoães, abastecendo por gravidade todo o concelho, poderá solucionar o problema. Entretanto, é a população rural que paga a água mais cara, pelo sacrifício, pela mão de obra não remunerada pela qual se autoabastece».

A questão da «área metropolitana do Porto» foi outra das questões em análise. Para Rosa Albernaz, «sobre esse assunto, os deputados pelo círculo de Aveiro não foram ouvidos nem contactados. Os camaradas que apresentaram o projecto na Assembleia da República não tiveram uma actuação correcta. A nossa proposta vai no sentido de, primeiro, escutar a população. Eu, todavia, como es-

pinhense e responsável, não subscreverei o projecto». A actuação na A.R. foi leviana — concluiu José Mota. Segundo o mesmo «o PC apresentou projecto semelhante em 1976/77, creio».

Em matéria de estratégia eleitoral, falou-se do PRD. «Em Espinho», comentou Rosa Albernaz, «não houve quem saísse do PS para o PRD». Artur Bártolo repontaria mesmo: «O senhor jornalista, que deve estar informado, conhece alguém do PRD que seja de Espinho? Eu, que ocupo um lugar sensível, não sei de nenhum». Ainda para Rosa Albernaz, «o PS fará uma campanha pela positiva, pelo esclarecimento, sem polémicas inúteis».

No Encontro, ao qual assistiu engaiolada, uma coruja que desprevidadamente entrou na sala e que seria devolvida aos ares nessa noite, aprovou-se ainda um voto de louvor aos autarcas de Silvalde, pelo trabalho desenvolvido. A título de informação, foi-nos confirmada a entrega à Académica de um subsídio de 1.000 contos, pela Secretaria de Estado, sob o lema «o PS cumpre as promessas».

O futuro dirá se, a nível autárquico, a renovação necessária da actuação partidária será uma realidade. Seriedade, competência, honestidade são sempre de exigir, mas também aqui poucos se entendem sobre o que tal significa. Outros haverá que as reclamarão para si. E convém não esquecer que problemas como o da habitação e do saneamento são, e continuarão provavelmente a ser, figuras da proa de campanhas eleitorais. O que é estranho, Primeiro, porque nos arriscamos a imprimir já panfletos de campanhas eleitorais de daqui a cinquenta anos com esses dizeres, e, em segundo lugar, porque essas necessidades não são quantitativas nem qualitativamente as mesmas de há cinquenta anos. Os discursos eleitorais, quase que por fatalidade estáticos, não adquiriram a elasticidade e desenvoltura correlativas. Talvez porque não passem de discursos. Como a coruja, a imaginação e a criatividade continuam de gaiola.

FERREIRA DE CAMPOS

Ganha Comissão Política do PSD

A lista A, encabeçada por Ferreira de Campos, venceu as eleições Gerais do PSD, realizadas no passado dia 28 de Junho. Este autarca continuará assim à frente da Comissão Política local daquele Partido.

O grande derrotado destas eleições internas do PSD, foi José Fonseca, vereador da Câmara, que apenas conseguiu 68 votos, contra 111 do seu opositor.

Segundo meios sociais democratas a vitória de Ferreira de Campos ficou-se a dever à forte campanha porta-a-porta que a sua lista fez.

Também no CDS se realizaram eleições intercalares para a Comissão Política Concelhia,

no mesmo dia. Neste partido, o grande derrotado foi Luís Gomes, tendo a lista a que era afecto, a B, apenas conseguido 43 votos contra 53 da lista A, encabeçada por Alfredo Dias Cruz.

No final deste acto eleitoral registou-se uma contenda entre elementos da lista vencedora e o Presidente da Assembleia Geral, Luís Gomes, já que, segundo apuramos, a lista A pretendia que a acta final a elaborar incluisse todos os órgãos concelhios. Assim não o entendeu o Presidente da A.G., que para o efeito leu a convocatória. Houve até ameaças e a sessão foi encerrada sem que a acta fosse feita.

MIRANDA CALHA NOVAMENTE EM ESPINHO

O Secretário de Estado dos Desportos voltou este fim-de-semana a Espinho para atribuir, em nome do Governo, a medalha de mérito desportivo a Jerónimo Reis. A sessão que decorreu no Salão Nobre da Câmara, assistiram membros da Associação Académica de Espinho e vereadores do Executivo Municipal, acompanhados por

outros convidados. A medalha atribuída, foi entregue a um neto do saudoso arquitecto.

Miranda Calha aproveitou ainda a ocasião da sua visita, para fazer a entrega de um subsídio governamental de 1.200 contos à AAE, referente à construção dos campos de ténis. Em relação ao campo de Hóquei em

Campo, e quando os responsáveis desta associação esperavam a notícia da declaração de expropriação dos terrenos, foi com grande espanto que ouviram pedir nova documentação sobre este assunto. E agora que o Governo está deabalada, a situação parece ainda vir a complicar-se.



Avelino Zenha, conhecido deputado da Assembleia Municipal, fez uma intervenção no Encontro de Autarcas Socialistas que, no mínimo, causou alguma perplexidade nos seus colegas de partido, apesar de Rosa Albernaz só falar em unanimidade.

O autarca em causa chegou mesmo a mostrar toda a sua indisponibilidade para continuar à frente de quaisquer cargos políticos. Uma vez que não nos parece nada credível que Avelino Zenha venha a deixar a política de vez, restamos pôr a «adivinhar» qual será o seu trajecto daqui para a frente...